

REALIZAÇÃO EXISTENCIAL: UM OBJETIVO PARA A EDUCAÇÃO

Evilásio A. Ramos

1. A VIDA COMO PROJETO

A primeira e mais profunda experiência do homem é a da sua existência. É a consciência do seu existir. O existir humano consiste concretamente naquilo que a pessoa pensa, sente, quer e faz. Pensar, sentir, querer e fazer constituem o comportamento humano. Isso significa que o comportamento, enquanto ação externa e pública, tem um sentido porque está intrinsecamente ligado às idéias e aos sentimentos que a pessoa tem a respeito de si mesma e do mundo circundante. É através da ação exterior que a pessoa expressa o que pensa e sente. Daí por que o comportamento não é só mera reação a um estímulo que vem de fora. É uma reação significativa; contém um significado que transcende a simples reação manifesta e penetra no mundo interior da pessoa. Revela, em suma, uma intencionalidade. Essa explicação da conduta humana se embasa no conceito de pessoa como ser psicofísico dotado de unicidade e singularidade, embora analisável sob aspectos variados — físicos, psíquicos, sociais, espirituais.

Dizer que o homem age intencionalmente significa que ele age sempre em busca de objetivos. Uma característica essencial da conduta humana, afirma Nuttin, é sua direção. É esta que confere à conduta sua forma específica (Nuttin 1971, p. 46ss). E um dos objetivos primordiais do ser humano é realizar-se como pessoa. Ou seja, o homem percebe sua existência como um projeto a realizar. É a realização desse projeto que lhe dá sentido à vida. Na literatura psicológica

contemporânea recebe as mais diversas expressões — objetivos de vida, plano de vida, aspirações, expectativas, eu ideal, etc. O projeto existencial de cada um engloba tudo isso. Para uns ele concretamente pode consistir em ser um cientista renomado, ou um romancista ilustre. Para outros é ser um industrial ou um professor bem sucedido. Outros ainda têm como objetivo de vida colocar-se a serviço dos pobres. E assim por diante. O que faz a felicidade não é o brilho social do projeto, mas a própria realização do projeto livremente escolhido, qualquer que seja sua significância.

2. VAZIO EXISTENCIAL

Acontece, porém, que nem todos conseguem realizar seu projeto de vida. Ou realizá-lo como desejariam. Quando não conseguem, caem naquilo que Rollo May e Viktor Frankl chamam de vazio interior ou existencial. Estes dois autores defendem que o vazio existencial é uma característica do homem moderno.

May arrola algumas características do homem vazio. É uma pessoa que não sabe o que quer, não tem idéia nítida do que sente. Não tem uma experiência definida de seus próprios desejos e necessidades. Sente-se impotente. Não consegue levar a bom termo seus planos profissionais, conjugais e outros. Em virtude disso tem forte tendência de querer o que os outros esperam dele. É um conformista. Uma pessoa dessas se expressou assim certo dia: "Sou apenas uma coleção de espelhos refletindo o que os outros esperam de mim." Seus relacionamentos interpessoais são problemáticos porque está sempre esperando que os outros — pais, amigos, cônjuge, namorado etc. — preencham seu vazio. Seu centro de decisões não está nele, mas nos outros. Tem a sensação de tédio, inutilidade e desespero. É um angustiado. Tenta compensar sua frustração existencial na supervalorização da profissão e do emprego, em frenéticos divertimentos, na prática desregrada do sexo, no vício das drogas.

May aponta como causas do vazio interior a idéia de incapacidade para fazer algo de eficaz a respeito da própria vida e do mundo; a convicção pessoal de ser incapaz de agir por si mesmo, de dirigir a própria vida, de modificar a atitude dos outros em relação a si mesmo; a perda dos valores

considerados importantes, devido às contínuas mudanças da sociedade, cujas conseqüências são angústia e ansiedade; perda do sentido do eu, da identidade, que tem por resultado a perda do valor e dignidade da pessoa — valor esse transferido para a técnica e para o grupo detentor do poder decisório; e muitas outras (May 1973; 1980). Essas causas qualquer observador percebe-as abundantes em nossa sociedade.

Frankl também descreve o homem contemporâneo como existencialmente vazio. Chegou a essa constatação a partir da prática psicoterapêutica e de pesquisas próprias e alheias. Relata, por exemplo, que 40% dos estudantes suíços e 80% dos estudantes americanos experimentaram o sentimento de falta de significado ou vazio existencial. Afirma que 20% das neuroses são determinados pelo vácuo interior. Diz ele: "Hoje os pacientes procuram o psiquiatra porque duvidam fortemente do significado de suas vidas, desesperando também de encontrá-lo". Outra pesquisa, executada por uma aluna de Frankl entre alcoólatras, deu como resultado que 90% dos casos crônicos de alcoolismo se devem a uma falta de sentido da existência. Note-se que o vazio existencial não é mazel só do mundo capitalista. Pesquisas feitas na Checoslováquia e na Alemanha Oriental comprovaram ser muito alto o índice de pessoas que sofrem também do vazio existencial nos países comunistas (Frankl 1974).

Diante desses dados, e de muitos outros espalhados pelos seus livros, Frankl conclui que a característica principal do homem atual não é a frustração sexual, como queria Freud, nem o sentimento de inferioridade, como defendia Adler, mas a frustração existencial, ou falta de sentido da existência, sentimento de absurdidade da vida, deficiente realização da aspiração humana para uma existência a mais significativa possível.

Diante dessa situação, acho que a educação pode fazer alguma coisa, tendo como objetivo prioritário levar o educando a encontrar um sentido para sua vida.

3. SENTIDO DA VIDA

O homem existe numa situação multifacetária, num conjunto de relacionamentos com outras existências bem diversas da sua. À medida que sua consciência se aprimora, to-

mando contornos de amadurecimento, tornando-se mais reflexiva e crítica, a pessoa vai também confrontando sua existência com as outras existências. Interroga-se sobre si mesma e sobre o mundo de que é parte. Nesse processo de voltar-se sobre si mesma e sobre o mundo é inevitável a pergunta: que sentido tem a minha vida? Sobretudo na adolescência, quando o jovem submete seus valores existenciais a uma reorganização, a pergunta se faz premente. Pode ser que ele não faça essa pergunta tão explicitamente, mas através de condutas problemáticas.

É a partir dessa constatação que alguns psicólogos contemporâneos vêm na busca de sentido da existência e na realização do mesmo uma necessidade básica do ser humano. Frankl, por exemplo, faz da vontade de significado o postulado fundamental de sua logoterapia ou terapia centrada no sentido da existência. Ao tomar essa postura intelectual, Frankl louvou-se em pesquisas científicas. Citamos apenas duas, a título de exemplo. Numa pesquisa entre pessoas idosas, um dos motivos mais apontados por todos como causa de longevidade foi uma "concepção serena e positiva da vida" (Frankl 1977). Noutra pesquisa coordenada pelo National Institute of Mental Health (USA), entre milhares de estudantes de 48 Universidades americanas, 16% tinham como escopo principal de suas vidas ganhar muito dinheiro, e 78% desejavam encontrar um significado para suas vidas.

O homem, nunca é demais insistir, é um ser que, ao contrário do animal, tem consciência do seu existir. É pelo fato de perceber-se como um existente em múltiplas relações com os outros seres, que o homem sente a necessidade de esclarecer sua existência, descobrir o sentido de sua vida. Por isso, esclarece Frankl, "o homem é um ser responsável que luta pelo sentido concreto de sua existência pessoal" (Frankl 1976, p. XII). A "vontade para o sentido" é uma motivação profunda do ser humano. Este busca primariamente, opina Frankl, não o prazer ou evitar o desprazer, mas o sentido e o valor. O homem se define como "um ente empenhado na busca de sentido" (Frankl 1978, p. 11). Essa busca de significado é algo original, espontâneo, genuíno no homem e, como tal, deveria ser levado a sério pela psicoterapia e pela educação.

A realização existencial consiste precisamente em viver concretamente o sentido da própria vida. Não é pois uma

realização a nível de meras aspirações. Aspirações e valores entram, não como inatingíveis objetivos, mas como metas concretizáveis na vida cotidiana. Existir é tomar consciência de si mesmo como um existente. Existente é um ser — ou melhor, um vir-a-ser — incorporado, consciente e livre, composto de potencialidades, situado no mundo através da mediação do corpo.

Para Frankl a realização existencial é possível porque “o homem é, por sua natureza, predisposto e preordenado a qualquer coisa ou a alguém, a uma idéia ou a uma pessoa! Só enquanto é intencional, se é também existencial; só enquanto homem, é espiritualmente co-presente a uma coisa ou a alguém, espiritualmente ou não, é” (Frankl 1962, p. 130).

O homem não só tem a possibilidade de realizar-se existencialmente, como faz o esforço consciente e pessoal para realizar o significado e valor de sua vida. Uma pesquisa citada por Frankl revela que dos 1500 jovens entrevistados por um sindicato austríaco, 87% confessaram ter um ideal, um profundo significado de vida (Frankl 1977, p. 22, nota 4). Ou seja, esses jovens tinham uma missão, uma tarefa, um dever a realizar, livre e responsavelmente assumidos, aqui e agora, dentro das circunstâncias concretas em que viviam. O homem não dá arbitrariamente um sentido à vida. Descobre o sentido que ela tem dentro das circunstâncias concretas em que está inserido. Nessa descoberta entram, como elementos essenciais, a unicidade e irrepetibilidade da pessoa, bem como a singularidade e relatividade da situação em que está imersa a pessoa. São esses elementos que conferem à descoberta do significado da existência seu caráter de valor objetivo e absoluto. Absoluto, argumenta Frankl, porque único e intransferível, isto é, a tarefa que a pessoa pretende realizar como escopo principal de sua vida é dela exclusivamente. Objetivo, porque são as circunstâncias que sugerem qual deva ser a tarefa a executar. Por isso, o sentido da vida de alguém pode mudar conforme muda a situação.

À pessoa, porém, cabe percebê-lo e assumi-lo e realizá-lo ou não. Ela é livre. Diz Frankl que o significado é “uma doação cuja percepção e realização pode estar sujeita à subjetividade do conhecimento e à consciência humana” (Frankl 1977, p. 79). Doação a uma causa, ou a uma pessoa, ou a um grupo. Em última análise, viver o significado e valor da própria existência é uma questão de consciência. Consciência de um dever a cumprir.

Contudo, a consciência é um fenômeno especificamente humano. Como tal é finita, sujeita a erros e incertezas. Por isso, até o último suspiro de sua vida o homem não tem absoluta certeza de ter vivido o verdadeiro significado de sua existência. Não obstante, deve correr o risco de seguir a voz de sua consciência e realizar o sentido que ela descobre. Por causa dessa incerteza é que a vivência do significado da vida é um processo vital tensiogênico, conflituoso e ansiôgeno. Mas as tensões e conflitos não de ser satisfatoriamente superados se o homem seguir espontaneamente sua natural abertura para o mundo e para os outros, para a busca do significado de tudo quanto se lhe põe diante.

Descobrir porém o sentido da vida não se reduz apenas a fazer perguntas às situações concretas em que cada um se vê inserido, mas responder às perguntas que as contingências da vida fazem. As respostas devem corresponder à concretude da pessoa e das contingências, às quais devem integrar-se para serem exatas e adequadas. Mas responder não apenas com palavras mas com ações. É aqui que toma sentido como realização existencial a profissão que cada um exerce, o trabalho que cada um faz. “O trabalho, argumenta Frankl, é uma atividade particularmente apta a demonstrar a singularidade do homem que se relaciona com a comunidade em que vive. É precisamente nessa relação entre cada um e a comunidade que o trabalho individual traz significado e valor: e estes dependem não tanto da profissão em si mesma, mas do seu caráter de prestação de serviço aos outros” (Frankl 1977, p. 154).

A realização do sentido e valor da própria vida é, por conseguinte, segundo Frankl, o objetivo supremo da humana existência. A felicidade do homem, tão ardentemente desejada e buscada, está condicionada à realização existencial. O homem precisa de uma razão para ser feliz. Precisa de uma razão e não de uma causa, salienta Fizzotti autorizado intérprete do pensamento frankliano. A causa, explica ele, atinge tão-somente a dimensão psicológica do homem. A razão porém é de ordem “noética”, penetra o homem no mais profundo de seu ser. E essa razão é a realização do significado e valor da existência (Fizzotti 1974). Mas realização livremente escolhida, pela qual o homem tem consciência de ser capaz de transcender a si mesmo, assumindo responsavelmente uma tarefa na vida que o coloca a serviço dos outros.

4. CARACTERÍSTICAS DA PESSOA EXISTENCIALMENTE REALIZADA.

Entre as numerosas características de uma pessoa que consegue realizar-se existencialmente, Frankl assinala estas como principais: autoconsciência, autonomia, responsabilidade e autotranscendência.

A) *Autoconsciência*. A educação que toma a realização existencial como objetivo tem, como primeiro passo, a autoconsciência. Frankl faz da consciência para os valores o problema central de sua logoterapia. Substituindo logoterapia por educação, podemos afirmar que, segundo Frankl, esta deve assumir como compromisso relevante tornar o educando consciente de todas as suas possibilidades humanas dentro do contexto físico, psíquico e social em que vive. O educando precisa conscientizar-se de que, à luz dessas possibilidades, sua vida tem um significado que ele deve descobrir e assumir e realizar responsavelmente em forma de tarefa que tem de ser executada para o bem dos outros.

No processo de autoconscientização entra também a consciência de que ele, educando, não está livre das imposições, condicionamentos e junções biológicas e psicossociológicas. Contudo, é livre para tomar diante dessas determinações a postura que melhor lhe parecer. Quer dizer, ele é livre para assumir ou não suas responsabilidades. Urge que o educando se persuada de que é capaz de transcender aquilo que o determina. Ou melhor, que se perceba como um ser em relações passivas e ativas com seu meio. Relações passivas porque não escapa de todo aos condicionamentos biológicos e sociológicos. Relações ativas porque, apesar disso, se sente suficientemente forte para modificar seu meio e a si mesmo.

A consciência do sentido da própria existência é o princípio que lhe dá unidade e consistência internas para relacionar-se com os outros sem perder sua individualidade ou identidade pessoal. May concorda com Frankl ao escrever que a experiência da própria individualidade "é ao mesmo tempo a experiência mais simples e mais profunda de nossa vida" (May 1973, p. 76). Karen Horney é mais enfática ainda: "conhecer-nos a nós próprios não é um fim em si; é, antes, um meio de conseguirmos a libertação das forças do crescimento espontâneo" (Horney 1974, p. 15). Autoconhecer-se, continua

a mesma psicóloga, não é apenas "uma precípua obrigação moral", mas "o nosso maior privilégio moral".

A autoconsciência, portanto, possibilita o desenvolvimento individual orientado pelo eu. Entenda-se bem. Não se trata de um desenvolvimento individualista, isolacionista e alienante, em absoluto. Trata-se de conscientizar um eu "situado", engajado num contexto social, econômico e político. Um eu participante. Participante significa promover, de alguma forma a seu alcance, as mudanças estruturais de que a sociedade necessita.

B) *Autonomia*. A despeito dos inevitáveis determinismos biológicos e sociológicos, o homem tem consciência de que é um ser-livre. É livre porque é uma pessoa. Não se entenda liberdade, observa Frankl, como liberdade de condicionamentos biológicos, sociológicos ou psicológicos. Mas liberdade como capacidade de tomar posição perante qualquer condicionamento. Capacidade de tomar decisões por si mesmo.

Por isso o educando, sendo uma pessoa, pode ser definido como um ser capaz de libertar-se de suas determinações. Um ser que se sobrepõe a elas. Um ser que vive entre a dependência e a autonomia, que testemunha o caráter dialético de sua humanidade, fala de sua problematicidade fundada em contínua antítese entre a própria dependência e a própria autonomia. "A sua realidade, sustenta Frankl, é uma possibilidade, seu ser um poder-ser. O homem não se resolve nunca na sua fatualidade. Podemos dizer que ser-homem não quer dizer ser-fatualmente, mas ser-facultativamente" (Frankl 1977, p. 120). Quer dizer: o homem é um ser que decide o que vai ser e o que vai fazer.

Sem embargo dos condicionamentos e limites impostos pela vida, o homem sente que lhe sobra espaço para tomar decisões. Percebe-se capaz de decidir sobre sua vida. Por isso, ser livre não é ter a possibilidade de satisfazer todo capricho, os próprios impulsos e desejos, fazer o que agrada, viver sem qualquer preocupação. Ser livre também não é eliminar qualquer coação e opressão. Não é libertar-se de toda lei, de toda moral. "A autêntica liberdade, comenta Fizzotti, deve ser buscada num dado de interior capacidade e possibilidade de conhecer-se e determinar-se segundo um projeto existencial esboçado uma vez e progressivamente esclarecido e delineado com maior pontuação" (Fizzotti 1974, p. 102-103).

É função da educação ajudar o educando a conhecer-se e a determinar seu projeto de vida. Desse projeto faz parte essencial viver a autêntica liberdade. Naturalmente, aprender a viver a liberdade genuína supõe que a escola e a família pratiquem procedimentos que exercitem as crianças e jovens na prática da autonomia. A essa prática não levarão por certo procedimentos superprotetores e autoritários, ou de *laissez-faire*. Somente procedimentos democráticos terão chance de transformar crianças e jovens em homens verdadeiramente autônomos, isto é, aptos a se posicionarem diante das pessoas e acontecimentos e de tomarem decisões por si mesmos.

Claro está que tal prática educativa pode cair no voluntarismo. Mas, opina Frankl, o voluntarismo poderá ser evitado se se acrescentar uma outra realidade inegável e objetiva: o significado da própria vida. É este que deve ser o critério básico das decisões e escolhas que o homem faz. Quer dizer: não basta alguém dizer: "quero tal coisa", "quero amar tal pessoa". É de suma importância acrescentar: que significado tal coisa ou tal amor tem para mim? E decidir conforme o sentido descoberto. Por isso a prática da liberdade inclui a responsabilidade.

C) *Responsabilidade*. Ser-autônomo tem como conseqüência natural ser-responsável. "Ser responsável é a essência da humana existência" (Frankl 1962, p. 214). "A última razão da existência humana é a responsabilidade" (Frankl 1976, p. 152).

A realização existencial não pode reduzir-se ao educando ter, idealmente, um projeto de vida, um ideal, uma missão que gostaria de realizar. Claro que ele, como ser livre, pode ou não assumir um compromisso dessa monta. Mas é preciso conscientizar o educando de que viver o significado da própria vida é uma opção que implica não somente a felicidade própria, mas também a felicidade de muitas outras pessoas. Por conseguinte, não se trata apenas de um "poder-ser", mas sobretudo de um "dever-ser". A vida precisa ser entendida como uma tarefa a realizar, uma tarefa à qual é mister dar uma resposta, e isso só pode acontecer mediante o empenho de dar uma resposta justa, ou seja, ser plenamente responsável.

Somente o homem é responsável pelo que decide. Somente ele tem o poder de decidir realizar uma possibilidade e não outra. Somente dele depende a bondade de tal escolha. Além disso, as possibilidades, as oportunidades são transitó-

rias e fugazes. Não aproveitá-las na oportunidade certa pode comprometer a própria existência e outras existências.

Decidir responsabilmente faz surgir no homem dois sentimentos antagônicos: por um lado, ele sente a alegria de ser o construtor do próprio futuro e, por outro, o medo de tomar decisões erradas, geralmente acompanhado de conflito e insatisfação. Por isso, o homem é um eterno perquiridor da verdade.

Cabe à educação a grandiosa tarefa de transformar a criança e o jovem num adulto que tenha a coragem de decidir. Tem razão o poeta alemão Friedrich Hebel: "a vida não é qualquer coisa, mas é uma oportunidade para alguma coisa".

D) *Autotranscendência*. Porque é autoconsciente, autônomo e responsável, o homem é também autotranscendente. Pode desenvolver a si mesmo para além da esfera biológica e psicossocial. Pode desenvolver-se espiritualmente. Desenvolver-se espiritualmente, no pensamento frankliano, significa que o homem é um sistema aberto, um ser voltado e orientado para um mundo de valores e significados, para algo diverso de si mesmo. Dirigido para alguma coisa ou para algum acontecimento, para alguma pessoa amada, a quem se oferece e se dedica, ou para Deus, a quem quer servir.

Mondin resumiu assim o conceito de autotranscendência: "é o movimento com que o homem ultrapassa sistematicamente a si mesmo, tudo o que é, tudo o que adquiriu, tudo o que pensa, que realiza" (Mondin 1980, p. 257).

A autotranscendência assim concebida ultrapassa, segundo Frankl, uma visão monadológica do homem, consoante a qual este não tenderia para valores ou significados que o superem, e, por conseqüência, não estaria orientado para o mundo, mas estaria exclusivamente interessado em si mesmo. E por isso procuraria tão-somente manter homeostaticamente o equilíbrio interior.

Se a autotranscendência é um movimento de ultrapassagem de si mesmo, deve então dirigir-se para algum objetivo específico. Para o psiquiatra vienense, como se viu, este objetivo é a realização do sentido e dos valores que constituem a existência humana. Embora não negue os valores sobrenaturais, Frankl limita a autotranscendência à esfera do humano. Mas a análise da vida de alguns homens excepcionais, como os santos, por exemplo, registra que eles aspiravam a uma realização que vai muito além da vida terrena e que consiste na crença e vivência de valores ultraterrenos e absolu-

tos, na experiência de Deus, o absoluto dos absolutos. Santo Agostinho exprimiu essa experiência existencial dos santos com a célebre frase: "Nosso coração fica inquieto, Senhor, até que repouse em Vós" (Confissões).

Achamos, por isso, que o impulso de autotranscender-se, inerente ao ser humano, encaminha-o para o Absoluto (Deus), o único capaz de satisfazer em plenitude as aspirações humanas. Note-se que a realização existencial plena, numa vida sobrenatural, será conseguida mediante realizações intermediárias, a nível da vida terrestre. É desta autotranscendência que a educação deve ocupar-se: uma autotranscendência que confere ao homem um destino humano-divino.

Proponho portanto, como um objetivo alternativo para a educação, a realização do significado da própria existência que tenha como consequência a transformação da criança e do jovem numa pessoa adulta autoconsciente, autônoma, responsável e autotranscendente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FIZZOTTI, Eugênio: **La Logoterapia di Frankl**. Milano, Rizzoli Editore, 1974.
- FRANKL, Viktor E.: **Teoria e Terapia delle Neurosi**. Brescia, Morcelliana, 1962.
- . — **Alla Ricerca di un Significato della Vita**. Milano, Mursia, 1974.
- . — **Psicoterapia — Uma Casuística para Médicos**. S. Paulo, EPU, 1976.
- . — **Logoterapia e Analisi Esistenziale**, 4. ed. Brescia, Marcelliana, 1977.
- . — **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GUENTHER, Zenita & COMS, Arthur W.: **Educação de Pessoas**. Belo Horizonte, UCMG/FUMARC, 1980.

HORNEY Karen: **Neurose e Desenvolvimento Humano**. 3. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974.

MAY, Rollo: **O Homem à Procura de Si Mesmo**. 4. ed., Petrópolis, Vozes, 1973.

———. — **O Significado da Ansiedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

MONDIN, B.: **O Homem, quem é ele?** S. Paulo, Paulinas, 1980.

NUTTIN, Joseph, **Tâche. Réussite et Échec**, 3. ed., Paris, Béatrice-Nouwelaerts, 1971.